

O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.



Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 150

TERÇA-FEIRA 9 DE DEZEMBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A dissolução da camara dos deputados é quasi annunciada como certa por todos aquelles que se julgam na privança ministerial, ou que se supõem habilitados para de-cortinar a sequencia dos acontecimentos.

Não descremos do vaticinio, nem nos aventuramos a dar-lhe os' foros da infallibilidade. Mas é para nós ponto resolvido, que se o governo não tiver poder para desarmar a opposição mais do que até hoje tem conseguido, lançará mão da medida violenta da dissolução.

Não acharemos estranheza no alvitre, por que mais que muito se tem avessado os governos deste paiz a sotopôr a tudo a sua duração no poder.

Acresce ainda que o governo actual, se decretar a dissolução, pôde constitucionalmente justificar-a com mais relevantes motivos, do que podiam ser defendidas outras dissoluções de parlamentos, que o paiz tem visto.

A metamorphose ministerial superveniente á eleição da camara será talvez argumento que se presume sufficiente, sem recorrer ao estafado pretexto de propositos facciosos.

Não achamos que o acontecimento possa ter a importancia que muitos apregoam. Antes vemos nelle a consequencia do systema nefasto com que se ellegem os que se appellam representantes do povo.

Se o governo, sob cuja administração é feita uma eleição de deputados, tem vital interesse em que a maioria lhe seja afeiçãoada, e se lhe tolera a lei elleitoral unia tal influencia com os elleitores, que só por grande desmazello, ou pela mais pronunciada execração publica elle deixará de obtela, é evidente que por via de regra alcançará sempre as maiorias da urna, em quanto não tocar as raizas do pessimismo.

As opposições pela sua parte trabalham sempre ordinariamente com igual patriotismo, posto que em intuitos contrarios. Por um lado recruta-se o exercito que hade defender a praça; pelo outro somente se cuida em engrossar o numero dos assaltantes.

Em meio desta luta de egoismo, e ambições, a muito poucos cabe o caracter de verdadeiro representante do paiz. Pouco importam as intellegencias, o génio, e as virtudes civicas. Tudo se resume na certeza do voto.

Convem mesmo talvez a cada gremio politico que muito poucos avultem na tribuna, e no talento.

Não ha tanto perigo da divergencia do pensamento. As forças compactas são temerosas. A primeira condição militar é a disciplina; e esta requer obediencia cega.

FOLHETIM

PENA DE MORTE

Questão na Belgica — Questão na Suisa — Victor Hugo

Não matarás.

DECAL. ART. 5.º

Onde houver um nobre principio, uma idéa generosa, um pen-ameto digno do homem, e da missão que Deus lhe deu sobre a terra, uma verdade divina emfim, que para beneficio e honra da humanidade seja conveniente propagar e defender, é inutil perguntar se a voz de Victor Hugo se levantará a tomar esse glorioso encargo.

Quem se não recorda da carta do grande poeta em favor de John Brown, a victima de Harper's Ferry, das eloquentes paginas dos *Miserables*, e do magnifico discurso recitado no banquete de Bruxellas? Ainda nos soam nos ouvidos as palavras memoraveis que a imprensa de todo o globo memoraveis respeitosa, e já ecoa nas margens do Tejo um novo brado humanitario do exilado do Hauteville House.

Na Belgica o procurador geral mr. de Bavay, juri-consulto, diz a *Independencia*, que as suas funções e intellegencia collocam em posição muito elevada, escreveu ha pouco uma longa dissertação a favor da pena de morte.

Preparava-se para responder-lhe a imprensa liberal belga, que uma circumstancia inesperada trouxe a grande auctoridade philosophica

Que admira pois que a cada feição de governo, ainda mesmo que a sua modificação seja imponderavel, se assim o quizerem, as maiorias preexistentes desconvenham sempre?

Vaçadas noutros molde, por milagre se ajustarão á mudança.

O que resulta de tudo isto é a feição do systema representativo. Os interesses substanciaes do paiz são preteridos a cada momento por insignificancias capriciosas. E em nome do povo cava-se a ruina do povo.

O povo, por seus representantes, sanciona que se lhe exijam tributos enormes, aggravados por uma desmoralização revoltante. Sanciona perdas monstruosas; e finalmente tudo quanto pode levar-nos com ligeiros passos a esse abysmo insondavel para onde nos aponta todos os dias a nossa divida publica, que descommunalmente vae crescendo.

Se as coizas a-sim devem continuar, será talvez melhor dar-lhes o seu verdadeiro nome, e, algozes de nós mesmos, abreviar as horas de agonia.—tocar a meta da nossa dissolução social.

Mas se a nação ainda não perde de todo as esperanças, deve pensar que a causa primaria, e unica, de todas as suas desditas, está na pessima lei elleitoral que ainda vigora.

A sua reforma em modo que os ellectos sejam genuinamente os representantes do povo, é tão urgentemente necessaria, como ao naufrago a taboa unica de salvação que pôde fazel-o pojar na praia.

Com jubilos d'alma saudamos o *Grito da Liberdade*, que vae soar periodicamente em Coimbra.

É um jornal redigido por academicos distinctos.

Louvamos muito o bom emprego que intentam fazer de seus ocios. Mas não é só por isso que nos aventuramos a recommendar ao publico o *Grito da Liberdade*.

Lêam o seu manifesto. Não achaes nelle pureza de crenças, santidade de intenções, e todo o fogo juvenil daquellas idades felizes?

Grata deve ser ao publico a novidade, por que se nos antolha que muitas coizas novas ella promette.

O academico é um individuo excepcional. A sua vida é toda de illusões agradaveis. Sonhos mais bemaventurados nunca ninguem os sonhou.

Julgues que isto lhe vem só dos poucos annos? Enganaes vos. As suas principaes illusões vem-lhe da sciencia.

Acostumado sempre a render-lhe cultos, mais depressa acreditará que vão cair as estrellas, do que a possibilidade de andar o mundo pelo invez das leis que estudou, dos principios que aprendeu

e moral de Victor Hugo em prol dos principios humanitarios.

Tinha de reunir-se a constituinte de Genebra para rever a constituição local, e uma das principaes questões era a da abolição da pena de morte. Na primeira votação quarenta e trez membros, contra cinco ou seis, foram pela guilhotina.

Como a questão tem de ser discutida segunda vez, o Pastor Bost, partidario da abolição, escreveu a Victor Hugo pedindo-lhe que o ajudasse, e affirmando que a voz do grande poeta seria valioso adjutorio em uma questão, que não é federal, nem de cantão, mas social e humanitaria.

Grandes questões, dizia mr. Bost, requerem grandes homens. As nossas discussões carecem de ser esclarecidas pelo génio, e para nós todos seria de grande auxilio que nos viesse do rochedo para o qual estão voltados tantos olhos, o impulso do vosso braço.

A esta sollicitação respondeu logo a seguinte:

Carta de Victor Hugo

Hauteville House 17 de novembro de 1862.

Meu senhor.

É bom o que vós fazeis; são nobres os vossos esforços; excellentes os vossos escriptos. Careceis de auxilio, e appellaes para mim? Agrada? Aqui estou.

Genebra está na vespera de uma dessas crises normaes, que assignalam a passagem de uma para outra idade nos individuos como nos povos. Ides rever a vossa constituição. Vós proprios vos governaes. Sois arbitros dos

Que afortunados são esses tempos!

Desce depois o academico do alcaçar das puras theorias, e embrenhar-se no positivismo da vida, e ali logo lhe desvenda os olhos o desengano.

Já se vê que o *Grito da Liberdade* deve ter uma feição que o distinga muito entre os seus canaradas.

Bemvindo seja o collega academico.

GRITO DA LIBERDADE

A prophesia social de Lamartine começa de cumprir-se! O jornalismo dilata-se, multiplica-se, diffunde-se, estende-se até aos extremos do prodigio typografico! O pensamento da nossa regeneração politica sente necessidade de se ampliar. Suffocado hontem pelas estreitas vias de publicidade o espirito do seculo derrama-se, gravado n'esta feição da imprensa, pelos dominios vastos do futuro! Os appetites expansivos da idéa acham lisongeira consuminação n'estes arautos da sua grandeza!

Todas as classes aspiram na generalização de seus interesses ao melhor obreiro d'elle! A idéa dos destinos humanos representa-se na invocação á praça publica de todos os negocios sociais. É a sublimação da democracia. A parte activa do povo nos seus interesses disciplinaes realiza o jornal, patrono escripto das suas immundades.

O que ha pouco podia um accesso difficil fazer um privilegio, toma hoje as proporções democraticas de um instrumento commum.

Surge para as difficuldades publicas um novo periodico.

Éis um facto que em toda a latitude do seu alcance social demanda peremptorias explicações da sua opportunidade!

O periodico rebenta d'uma situação, que se não phantasia. É obra de leis natas da sociedade. É uma proclamação d'ordem publica a uma necessidade nova, a uma exigencia nascente.

O baptismo social, que prepara este novo obreiro escripto para os seus destinos publicos, offerece nol-o sob denominação significativa de — *Grito da Liberdade*.

Perdê-nos a memoria veneranda de José Estevão se lhe usurpamos como herdeiros inoportunos a idéa sabia com que intentava erguer mais um monumento á sua gloria jornalística! mas dar sob esta denominação o Periodico, que nós hoje publicamos, é associar ás aspirações o estimulo nobre d'um nome grande; é invocal-o como padroeiro dos nossos intuitos, é explicar, é definir a nossa missão!

Este novo echo pois d'um pensamento generoso tem a sua origem n'uma situação preparada pelo génio do melhor politico do nosso tempo; é um tentamen fecundativo dos germens por elle disseminados. O seu caminho está por tanto tra-

vossos destinos. Sois homens livres. Viveis em republica. Ides praticar uma acção importante, alterar o pacto social, examinar em que ponto vos achaes no que respeita ao progresso e á civilização, concertar-vos de novo acerca das questões da communidade. Vae abrir-se a discussão, e está para ordem do dia a mais grave de todas as que-tões, a inviolabilidade da vida humana.

Trata-se da pena de morte.

Meu Deus! O sombrio rochedo de Sisypho! Quando deixará de rolar, e de cair de novo sobre a sociedade humana, esta pedra de rancor, de tyrannia, de obscuridade, de ignorancia e de injustiça, que chamam penalidade? Quando veremos a palavra *ensino* no lugar onde se lê *pena*? Quando chegarão a convencer-se de que um criminoso é um ignorante? O nosso codigo quasi que não trata senão da pena de talião, olho por olho, dente por dente, maldade por maldade!

Quando renunciará a vingança á antiga teima com que insiste para nos illudir, de se chamar *vindicta*? Cuida que nos engana? Tanto como a *perfidia* quando se chama *razão de Estado*. Tanto como o *fratricidio* quando põe dragonas e se intitula guerra.

Em vão de Maistre procura arrebicar o dragão. Perde o trabalho a rethorica sanguinolenta, e não chega a disfarçar a fealdade do facto, que ella encobre. Não são habeis n'esse mister os sophistas. A injustiça fica injustiça. O horror permanece horror. Ha palavras que são mascaras, mas vê-se através dos buracos o sombrio clarão da maldade.

Quando se conformará a lei com o direito? Quando se medirá pela justiça divina a justiça

gado, o seu credo politico determinado, o seu alcance assentado!

A independencialtal é o influxo fecundo sob que rebenta: oxala sob elle florea e fructifique!

Edificamos sob a direcção d'inspirações d'um grande mestre um templo de liberdade! É uma estancia sagrada, é um sacrario inviolavel! Que-reis ingresso n'elle? despi-vos dos andrajos do velho absolutismo! Desejais o acolhimento do seu grande prestigio? descei ao estrado commum da egualdade! Ambicionais a tutela do seu immenso poder? abraçai-vos com a urna dos direitos humanos, adorai no estandarte da regeneração moral levantado no Golgotha a ruina do despotismo! Só assim cooperareis connosco na obra revolucionaria de que constituimos esta folha obreiro politico.

Não sabem nem querem adoptar outra politica os redactores d'ella. Assignando a defesa do povo e da liberdade como unica mira a que hypothecam os seus esforços, não traçam vias impreteriveis á sua marcha; consideram legitimos todos os caminhos, que lá conduzem, e nem compromettem o seu caracter publico; com pactos e ligações de especie alguma.

Condemnação severa de todas as proterrias publicas, qualquer que seja a sua origem, é um meio que elles consideram ligados aos seus intuitos moralisadores. Governos de ta terra pois só lhe hão de merecer a attenção para lhes delimitar as violencias e excessos acobertando della a paciencia do povo. Considerações facciosas nunca lhes illudirão o trilho. Mas entre as divisões, que sustentam o caracter constitucional do nosso regimen, poderá estar uma mais do que outra na concordancia de seus principios.

Poderá melhor alliar-se a um systema reformista, do que á exaggeração d'uma prudencia retrospectiva, que se resolve n'um eterno *amanhã* na acção! As operativas manifestações d'um governo que não lida pelo progresso incorrem no anathema do povo. *Amanhã* — expressão fatidica desse systema que não chega a ver obra de Jano, porque só olha para traz, abominamola como o escolho das reformas, o embaraço da prosperidade patria, rotulo d'uma theoria d'estacção! *Amanhã*! echo desanimador d'um principio de morte social, lamentação agoniosa de futuro offerecido em holocausto profano a uma grosseira idolatria do passado, repellimola do nosso opoio como protesto erguido á regeneração social do nosso paiz.

Esta só pelas reformas se opera e serão ellas as nossas diurnas reclamações como retribuição governamental dos sacrificios tributarios do povo.

O povo que acolha pois como seu filho o novo propugnantar dos seus mais queridos interesses! Acalentam-n'o todo o fogo das suas convicções democraticas. Dirigem n'o as mais gene-

humana? Quando entenderão os, que lêem pela Biblia, a razão que salvou a vida a Cain? Quando saberão apreciar o supplicio de Christo, os que lêem pelo Evangelho? Quando quizerão ouvir a grande voz, desconhecida mas vivida, que atravez das nossas trevas está bradando — *Não matas!* Quando reconhecerão os que andam cá na terra, juizes, padres, povo, reis, que ha alguém acima d'elles? Republicas de escravos! Monarchias de soldados! Sociedades de algozes! Em toda a parte a força! Em nenhuma o direito! Que tristes dominadores da terra! Lagartas de enfermidade! Boas de orgulho!

Apresenta-se uma occasião em que o progresso poderá dar um passo. Genebra vae deliberar acerca da pena de morte. Isto deu causa á vossa carta. Pedis-me que intervenha, que entre na discussão, que diga uma palavra. Eu receio que vos illudae a respeito da efficacia d'uma voz fraca e isolada como a minha. Quem sou eu? Que posso eu? Ha bastantes annos — data de 1828 — que eu luto, com as tenues forças d'um só homem, contra esta coisa colossal, contradictoria e monstruosa, chamada *pena de morte*, composta de justiça sufficiente para contentar a multidão, e de iniquidade bastante para assustar o homem pensador. Outros fizeram mais e melhor do que eu. A *pena de morte* recuou algum espaço de terreno, e mais nada. Em Paris e na pre-ença desta luz, sentiu-se euvergonhada. Perdeu a guilhotina a sua affouteza, porem não abdicou. Expulsa da praça de Grève, tornou a apparecer na barreira S. Jacques. Expulsa da barreira S. Jacques, surgiu de novo na praça de la Roquette. Recua, mas permanece.

(Continúa.)

...a geração nova. Encami-
...patrióticas d'um sentimen-
...fermenta na ordem e só
...será ainda com effeito o obje-
...do seu conselho nas trans-
...as cousas publicas hajam de
...este principio conservar dedicação
...da sua solicitude. Por ella se acha-
...ndemnar os excessos do mesmo povo,
...não fisongear appetites, que não se-
...ignos delle. Mas no seu esbravejar pela
...não a deverá comprometter; e a mode-
...ção nas censuras e a prudencia nas indicações
...entrarão por primeiro no seu systema d'acção.

Eis ali pois traçado sem pompas o pro-
gramma com que se recommenda ao publico o
Grito da Liberdade. No cosmopolitismo desta
inscripção, a generalidade é a sua bandeira: sob
ella acolheremos o que é sobretudo geral — os
direitos do povo!

José Leite Monteiro

Tem chamado tanto a attenção da Europa
a questão dos navios encouraçados, e dos melho-
ramentos introduzidos na artilheria, que julga-
mos dever referir aos nossos leitores o que sobre
tão importante assumpto se lê no «Times», de
14 do corrente:

Experiencias importantes em Shoeburyness

«Uma nova e mais fructuosa experiencia de
artilheria se effectuou hontem em Shoeburyness,
na presença de uma numerosa e distincta reu-
nião de autoridades, officinas de artilheria e ou-
tros individuos. Dizemos fructuosa pelos admira-
veis resultados que se obtiveram, destruindo as
antigas theorias e experiencias.

Para bem se avaliar a importancia dos re-
sultados obtidos, deve-se notar que os alvos fo-
ram construidos da mesma grossura e resistencia
que as amuradas das fragatas encouraçadas, as
quas não tinham até então sido penetradas, ex-
cepto nas ultimas experiencias com as peças de
mr. Whitworth e com os projectis de frente plana.
Um concentrado e vivo fogo das peças de
Armstrong, ou mais destruidor a bala massiga
lançada por a antiga peça lisa de 68, conseguiu
entortar e quebrar algumas chapas, mas nunca
atravessal-as, nem causar-lhes tanto damno que
pozesse em perigo a força ou segurança d'uma
fragata navegando.

Na sua primeira e recente experiencia, mr.
Whitworth, com admiração geral, conseguiu,
com um dos seus projectis de frente plana, atra-
vessar completamente um d'esses alvos, a distan-
cia de 200 jardas.

Na segunda experiencia, que foi feita ha 6
semanas, com peças de calibre 120, construidas
em Woolwich, pelo processo de sir William
Armstrong, isto é, de aneis de ferro caldeado e
comprimidos pelo abaixamento de temperatura, e
raida pelo principio de Whitworth, e carregan-
do pela bocca, não só expelliu uma bala massiga,
que penetrou n'uma couraça Warrior, á distan-
cia de 400 jardas, mas tambem uma bomba que
rebutou dentro das chapas da couraça e incen-
diou a madeira, forro das chapas. A penetração
das bombas foi muito justamente considerada,
como um resultado admiravel.

O primeiro e mais importante fim de todas
as couraças é impedir que entrem bombas nas
baterias do navio; uma bala massiga prejudica,
entrando nellas, mas é quasi inoffensivo o seu ef-
feito, comparado com o que uma grande bomba,
como as que hoje se fazem, produz entre os in-
dividuos que estão grupados, manobrando as pe-
ças. Este facto é tão universalmente reconhecido,
que muitas nações estrangeiras, entre outras o
governo federal, tem um grande numero de ca-
nhoneiras encouraçadas, com couraças de 2 1/2
polegadas sómente de grossura, para evitar que
lhes entrem bombas, sem se importar muito com
as balas.

O nosso governo tem sabiamente procurado
obter os ultimos limites do poder defensivo, e fo-
rou as fragatas com chapas de 4 1/2 polegadas
de grossura, o que por muito tempo se julgou e
provou ser bastante para impedir, não só a pene-
tração das bombas, mas tambem de projectis de
todas as formas e pesos que a artilheria, quer
lisa quer raída, podia lançar. Foi esta crença
que as experiencias de Whitworth destruíram
completamente, porque tanto a bala como a bom-
ba furaram de lado a lado as chapas de ferro e
o forro de teca á distancia de 400 jardas.

Este não esperado resultado foi de uma
grande vantagem; mr. Whitworth, para tornar
a sua bomba o mais solido possível—não deixou
espaço sufficiente para a carga da explosão, de
modo que o effeito d'esta não foi de grande con-
sideração. Os artilheiros desejavam, antes de ad-
mittirem o enorme poder das peças, experimentar
a sua penetração contra as chapas de ferro á dis-
tancia de 1000 jardas, porque se a tão grande
distancia ferissem o alvo, ficaria a excellencia
d'estas peças fóra de toda a duvida ou questão.
As experiencias de hontem foram feitas para se
decidirem estas duas importantes questões: —
1.ª Para ver-se sem diminuir a força penetrante
da bomba, ella poderia conter tanta polvora, que
tornasse a sua explosão temível. 2.ª Se o proje-
ctil massico expellido por esta peça a muito
maior distancia, poderia causar tanto damno co-
mo havia produzido á de 400 jardas. O calibre
70 tambem foi experimentado a 600 jardas de
distancia.

O alvo que anteriormente se tinha emprega-
do não era igual á amurada do *Warrior*, que
tantos tiros soffreu. O ferro, era comparativa-
mente inferior muito rijo e fragil; estes defeitos
foram considerados pelos defensores da artilheria

de mr. Whitworth, como outras tantas difficulda-
des vencidas por os seus projectis temperados e
de fórma achatada conseguirem abrir caminho, e
romperem atravez de um material tão resistente
como elles.

O alvo que hontem serviu era completa-
mente novo, tendo 10 pés de altura e 14 ou 15
de largura, formado de trez solidas chapas sem
porta ou fenda alguma, e seguras ao forro de
madeira por parafusos mettidos oblicamente nas
arestas, para as não enfraquecer com furos pelo
meio, como succedia ás anteriormente experi-
mentadas. As duas chapas de baixo tinham 5 po-
legadas de grossura (mais e menos meia polega-
da do que a grossura das chapas com que se es-
tão encouraçando as novas fragatas), e a de cima
tinha 4 polegadas e meia, isto é, a mesma gros-
sura que a amurada do *Warrior*. Estas chapas
foram feitas nas officinas do governo, e de um
excellente material. Interiormente foram forra-
das de pranchas de teca collocadas transversal-
mente, e tendo uma 12 polegadas, e outra 6 de
grossura, e ainda internamente tinham uma chapa
de ferro batido 3/8 de polegada. Os lados e a
parte superior foram igualmente forrados e fe-
chados, de modo que ficou um alvo de caiza, si-
milhando uma parte da amurada e *entre cobertas*
de um navio, alim de que os effeitos explosivos
das bombas, se ellas penetrassem, fes em bem
apreciados.

A peça de calibre 70 foi posta á distancia
de 600 jardas, do alvo, e a de calibre 120 a 800
jardas. Estavam presentes o duque de Somerset,
lord Grey, o almirante Frederico, o almirante
Grey, almirante Drummond, grande numero de
officiaes da armada, quasi todos os membros do
instituto d'engenheiros civis, diferentes construc-
tores de navios e muitas outras pessoas, porque
o tempo, que estava excellente, concorria para
excitar a curiosidade. As experiencias começa-
ram cerea do meio dia com a peça de calibre 120
e quasi uma hora se gastou a collocar a em posi-
ção conveniente atirando sobre um alvo de ma-
deira. Quando tudo estava prompto fez-se o pri-
meiro tiro de bomba, sendo a carga da peça 27
libras de polvora e pesando o projectil 151 libras,
carregado com 5 libras de polvora. A velocidade
inicial do projectil foi, muito proximoamente 1500
pés por segundo, e feriu o alvo com terrível es-
trondo exactamente no centro d'uma das chapas
de 5 polegadas com a velocidade de 1220 pés
por segundo.

Depois d'uma prodente demora, para dei-
xar cair os estilhaços, correram todos ao alvo
que parecia incendiado, tanto era o fumo que se
via; despiado elle examinou-se o interior do alvo
e se verificou que a bomba tinha atravessado
completamente as 5 polegadas da chapa, as 18
de teca e os 3/8 de polegada de ferro de chapa
interna.

A explosão comtudo parecia ter-se effectua-
do cedo de mais e ao tempo em que a bomba ia
ainda atravessando a couraça, porque a parte
posterior da bomba cahiu para fóra do alvo, em
quanto que os fragmentos d'ella que penetraram,
parece haverem perdido a força, calhando inoffen-
sivamente no espaço que se póde chamar *entre
cobertas*. Não obstante o choque tremendo que o
alvo recebeu na occasião da explosão, o madeira-
mento interno do alvo não apresentava damnos
notaveis resultantes da explosão das bombas; a
couraça tambem em nada mostrava ter sido per-
furada por uma bala. Tanto as chapas de ferro
como o forro de teca tinham uma porção perfei-
tamente bem cortada, apresentando a fórma d'um
octogono com a largura de 8 polegadas, abertura
esta que facilmente se podia tapar da parte de
fóra.

O segundo tiro foi tambem com uma bomba
de 151 libras de peso sendo a sua carga e a da
peça eguaes á do primeiro tiro. Bateu a bomba
na chapa do meio (tambem de 5 polegadas de
grossura) na aresta superior, e como a primeira,
atravessou tudo quanto encontrou. e foi rebentar
apparentemente da parte de dentro da couraça.
Despedaçou o forro da teca e fez mais algum
damno do que a primeira, com os fragmentos que
bateram na parte superior e lados do alvo. Mas
havia ainda a mesma falta comparativa dos effei-
tos destruidores e a abertura era como a primeira
tão bem cortada e de forma tão regular que facili-
mente se podia tapar.

A terceira experiencia foi feita com um
projectil ouco de ferro fundido e *frente plana*,
pesando 130 libras mas sem carga explosiva.
Fez-se este tiro para mostrar a grandeza dos pro-
jectis de aço de mr. Whitworth sobre as antigas
balas fundidas até agora empregadas com a artil-
heria Armstrong e outras peças contra as coura-
ças.

O resultado foi concludente; a bala em vez
de penetrar a couraça, quebrou-se em fragmen-
tos de encontro a ella, fazendo apenas na chapa
de ferro algumas mossas de duas polegadas de
profundidade, sem causar de facto mais damno
do que o projectil de Armstrong de calibre 100,
pela razão de que a bala de ferre fundido, uma
vez quebrada instantaneamente perde nos frag-
mentos a força, que teria batendo com uma maça
inteira.

A quarta experiencia foi feita com uma bom-
ba de aço, de calibre 130 carregada sómente com
3 3/4 libras de polvora, expellida por a mesma
peça a alcance ordinario, e com a carga de 27
libras de polvora. Esta não fez menos do que as
outras atravessou a couraça e rebentou para a
parte interior do alvo, mas não prejudicou mais
do que as anteriores nem na qualidade da ab-
ertura que fez nem com o resultado da explu-
são.

O quinto e ultimo tiro foi feito com a peça
de calibre 120, com um projectil massico d'aço

e de 130 libras de peso. *Tambem este atravessou
a couraça* e foi cahir dentro da caixa, se assim
se póde chamar.

As experiencias continuaram com peças de
calibre 70 á distancia de 600 jardas. Estas ex-
perencias chamavam muito a attenção, porque,
pesando e-tas peças menos de 4 toneladas, eram
por isso muito adaptaveis aos navios, se podes-
sem penetrar as fragatas encouraçadas.

A primeira experiencia provou que quanto
á força de penetração, com este calibre se obti-
nhá quasi o mesmo que com o de 120, á distan-
cia de 600 jardas.

A peça foi carregada com 13 libras de pol-
vora, a bomba tinha 81 de peso e de carga ex-
plosiva 3 libras e 12 onças; a bomba bateu na
chapa superior ou couraça do *Warrior*, de 4 1/2
polegadas de grossura de ferro, tendo exacta-
mente o mesmo forro de 18 polegadas de teca,
atravessou tudo, excepto a ultima chapa interior
de 5 8 de polegada, rebentando dentro da ma-
deira que fez pedaços, proximo á aresta do alvo,
impedindo esta ultima circumstancia quasi todo
o effeito explosivo.

Deu-se outro tiro com melhor resultado; atra-
vessando a couraça e fazendo muito mais damno
á teca, mas não produzindo uma abertura mais
difficil de tapar do que as anteriores, succeden-
do o mesmo com o terceiro e ultimo tiro.

Para bem se avaliar a importancia destes
resultados deve-se notar que as peças lisas e
raídas tem expellido projectis de cerca de 900
libras de peso, á distancia de 200 jardas, con-
tra couraças semelhantes, e nunca obtiveram
mais do que amolegar ou rachar algumas, sem
as atravessar; temos alem disto uma peça de
calibre 70 lançando projectis que *atravessam
couraças á distancia de 600 jardas*.

Dizendo isto, devemos acrescentar que *sir
Armstrong*, que bateu o alvo *Warrior* com o pro-
jectil de 150, se não conseguiu que *penetrasse a
couraça*, obteve um effeito mais destruidor do
que as bombas de 150 libras de mr. Whitworth
que produziram nas experiencias de hontem.

Comtudo, *sir Armstrong* empregava 50 li-
bras de polvora a 300 jardas, e Whitworth so-
mente 27, á distancia de 300 jardas.

O artigo conclue dizendo que foi uma gran-
de victoria para Whitworth, mas que Armstrong
não está ocioso, e que se trata de produzir o
maior estrago e de tornar os rombos nas coura-
ças difficeis de tapar, a ponto de que o navio que
as recebe corra o maximo risco.

Pretende-se que succeda como quando um
vidro é chocado por forma tal que as muitas ra-
chas e desigualdades com que foi partido o tor-
nam inutil para defender do frio e da chuva, o
que não acontecerá se se lhe fizer um furo tão
regular que por mil modos se possa tapar, e as-
sim continuar a satisfazer ao fim a que se desti-
nava. E' portanto de esperar que brevemente ha-
ja novas experiencias, cujos resultados trataremos
de fazer constar aos nossos leitores.

Novo regulamento das alfandegas

A comissão nomeada pela Associação
Commercial de Lisboa para dar o seu parecer so-
bre o novo regulamento das alfandegas já deu
conta da tarefa que lhe fóra incumbida e que
cumpriu dignamente. O importante trabalho da
comissão, que era composta dos srs. José Ro-
drigues Tarujo dos Santos, presidente — Antonio
Pereira de Carvalho, secretario — Archibald
Turner — José Luiz Pereira Crespo — e Serzedello,
Junior, relator, foi publicado em folheto e d'istri-
buido aos associados.

Em seguida damos principio á sua publica-
ção:

Relatorio da comissão nomeada pela Associação Commercial de Lisboa para dar o seu parecer sobre o regulamento das alfandegas decretado em 30 de outubro de 1862

SENHORES:

Tendo a classe mercantil de Lisboa reconhe-
cido desde logo os inconvenientes que para o
commercio deviam resultar da execução do regu-
lamento das alfandegas, maudado pôr em vigor
pelo decreto de 30 de setembro ultimo, referen-
dado pelo actual ministro da fazenda, e tendo a
Associação Commercial de Lisboa nomeado uma
comissão para dar o seu parecer sobre tão im-
portante quão momentoso assumpto, vem hoje,
senhores, essa comissão respeitosa e perante
essa assemblea dar conta da tarefa de que foi
incumbida.

Compenetrada a comissão da transcenden-
te materia de que tinha de se occupar, e dese-
jando corresponder o mais efficaz e cabalmente
que possível lhe fosse á prova de confiança com
que a honrastes, entendeu ella que deveria ou-
vir todas as pessoas competentes, e por isso diri-
giu por meio da imprensa convites a todos os
nossos associados, pedindo-lhes seu voto e pare-
cer sobre o objecto a que nos referimos.

Felizmente póde a comissão dizer-vos que
esse pedido foi satisfeito por bastantes associados,
lisonjeando-se de ter encontrado em seus conso-
cios, a maior promptidão em a auxiliarem no es-
tudo de um assumpto que tanto affecta o com-
mercio em geral.

Ha uma classe que, pela sua especialidade,
podia illustrar muitissimo os trabalhos da comi-
são; essa classe é a dos despachantes da alf-
fandega, e por isso entendemos que se deviam
convidar alguns cavalheiros que d'ella fazem par-
te para darem a sua opinião sobre os incoive-
nientes que encontrava na prática o novo syste-
ma adoptado, porque o voto de pessoas tão au-

torisadas de certo seria um grande sub-ídio pa-
ra o trabalho que vós ordenastes.

A esperança da comissão não foi vã, e ella,
agradecendo n'este lugar a deferencia que es-
ses cavalheiros lhe fizeram, confessá ter encon-
trado n'elles, não só a melhor vontade de a au-
xiliarem, porém os mais luminosos conselhos e
considerações sobre este importante objecto.

Entendeu a comissão que deveria exami-
nar na propria alfandega a execução do respectivo
regulamento, e por isso ali se apresentou dois
dias consecutivos para observar a fórma por que
elle se praticava.

Dirigindo-se primeiro ao director interino
d'aquella casa fiscal, o sr. Nuno José Gonçalves,
a comissão achou em s. exc.ª, além das deli-
cadezas proprias de um perfeito cavalheiro, o
maior empenho de satisfazer aos desejos da comi-
são, ordenando immediatamente aos emprega-
dos que dirigiam os diversos trabalhos da alf-
fandega promptas ordens para que a vossa commi-
são podesse colher os resultados que a sua visita
ali procurava.

Nas duas entrevistas que a comissão teve
com o sr. director interino, tratou-se largamente
das ideias do regulamento, e ainda que este illu-
stre funcionario não concordasse plenamente com
o parecer da comissão, todavia evidenciou por
mais de uma vez, e por mais de um acto, o de-
sejo que tinha de que a execução do novo regu-
lamento minorasse o mais possível os transtornos
que elle trazia ao commercio.

A comissão lembrou varios alvitos, e pe-
diu algumas resoluções, a que s. exc.ª logo satis-
fez; e se este procedimento penhorou os mem-
bros da comissão, ella não foi menos grata ás
maneiras obsequiosas por que s. exc.ª a recebeu,
do que n'este lugar dá publico testemunho e pro-
fundo agradecimento.

Passando a examinar os processos que o no-
vo regulamento estabelece, a comissão da As-
sociação Commercial de Lisboa recebeu de todos
os empregados que consultou, e de todos aquelles
a que se dirigiu, o mais cordial acolhimento, e
a melhor vontade de satisfazerem ás suas pergun-
tas. Recebam, pois igualmente esses dignos funci-
onarios o reconhecimento dos membros da comi-
são.

Senhores, o voto dos illustres associados a
que já nos referimos, a opinião de todos os des-
pachantes da alfandega, o exame a que procede-
mos n'aquella casa fiscal, e finalmente, os dados
estatísticos que a pedido official da comissão o
sr. director interino poz á nossa disposição, vie-
ram todos confirmar a opinião, em que ella es-
tava, e na qual a acompanhamos, osamos avan-
çal-o, a maioria, ou talvez todo o commercio por-
tuguez, isto é, de que a litteral execução do re-
gulamento das alfandegas de 30 de setembro ul-
timo será um grande estorvo, um grande emba-
raço para as transacções mercantís.

Apenas com alguns dias de execução, são
tantos os clamores contra elle, tão diversas as
interpretações que se lhe dão, tão notaveis os
transtornos por elle ocasionados, que a commi-
são suppõe de urgencia a sua revogação, senão
no todo, ao menos em parte.

Antes, porém, que a comissão entre na
analyse detallada e prolixa de cada um dos ar-
tigos que o compõe, e o avalie pelo duplo pri-
ma do interesse do commercio e das convenien-
cias do fisco, permitta esta illustre assemblea que
nós entremos na apreciação geral do dito regu-
lamento, e que façamos aquellas considerações que
a sciencia economica não dispensa e que a sciencia
commercial exige e requer.

Entendeu a comissão que em tão impor-
tante assumpto não podia ella ser succinta, e que
o objecto pela pelo contrário um estudo largo e
diffuso; é por isso que procurou attender á mai-
oria dos pontos que pudessem elucidar esta assem-
blea no estudo de tão grave materia. Contando,
pois, com a vossa benevolencia, a comissão
passa a fazer as considerações, que inherentes
julga ao encargo com que foi honrada.

(Continúa)

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Paiva 21 de outubro
de 1862.

Como na minha de 12 me havia comprometi-
do a dar conta aos seus leitores das occur-
rencias, que se dessem, e como se desempenha-
ram os exm.ºs Sallemas, e a philharmonica recrea-
tiva da Casa da Figa, de um prometido *Té-
Deum*, que em acção de Graças ao Todo Poderoso,
se havia de cantar na igreja de Sobrado,
pelo feliz enlace de Suas Magestades; vou, pois,
desempenhar esse, pela seguinte forma.

Havia-se annunciado, por meio dos rvd.ºs paro-
chos, e por cartas de convite, que no dia 19 do
corrente, pelas duas horas da tarde, havia de ter
lugar a solemnidade; n'este dia vimos a igreja
vestida de gala, e todos os signaes de festa. Na
estação da missa conventual, annunciou o rvd.º
abbade arcyprete, que ás duas horas havia de
cantar-se um *Té-Deum*, em acção de graças ao
Todo Poderoso, pelo feliz consorcio de Suas Ma-
gestades, convidando por isso todos os seus fru-
guezes a assistirem a tão edificante, como reli-
gioso acto (foi o unico convite que me fizeram, e
nem era preciso, por que não faltava).

E com effeito, ao meio dia já se achava n'esta
villa muito povo, os sinos repicavam, a clere-
cia ia chegando, e o sexo amavel ia deixando-
se vêr; tudo annunciava galla, regosio, e festa
nacional; a capital deste concelho dava signaes
de vida, e ainda que deviassem a municipalidade
ausenta de seus paços, com tudo o povo gozava
prazer, alegria, e enthusiasmo.

Seriam duas horas da tarde, quando chegaram a esta villa, s. ex.^a o sr. João Salles, que não havendo saído de sua casa, á mais de tres annos, em virtude de seus padecimentos, não pôde sustel o nella o amor e dedicação, que consagra ao neto do immortal Rei Soldado, de quem foi leal companheiro, e compartilhou os rigores da heroica defeza da cidade invicta, e sempre leal. Acompanhado por seu exm.^o filho (Salles Manoel) e de um lusido cortejo de cavalheiros e amigos, reconheceu ainda mais d'esta vez s. ex.^a o amor e sympathia, que lhe consagram estes povos; sendo recebido nos braços do povo, foi gerallemte cumprimentado, e ainda por aquelles, que lhe tem querido fazer opposição. Ss. ex.^{as} e seus amigos se dirigiram então para a igreja, onde já se achava reunido clero, nobreza, e povo.

Principiou então aquella distincta philarmónica por executar o hymno de Sua Magestade, e após elle lindas e variadas peças de musica; e a capella-mór achava-se occupada pela cleresia, e cavalheiros, o corpo da igreja pelo povo e pela policia armada, onde se viam o administrador do concelho, juiz ordinario, sub-delegado do procurador regio, e de mais empregados, e regedores de parochia; e a camara municipal achava-se representada sómente pelo seu vogal o sr. Manoel Moreira da Fonseca.

O *Té Deum* foi todo cantado a musica por aquella distincta philarmónica, fundando o acto religioso com a benção do Santissimo Sacramento. A mesma philarmónica então passou a executar novas e variadas musicas, com o que prenderam todos os circumstantes; e passando depois aos pagos do concelho, que o exm.^o Salles (Manoel) com todos os seus amigos quiz honrar, e novamente se executaram bellas musicas, a que assistiram todas as pessoas, que aqui haviam concurrido, as madamas guarneciam as janellas das casas do largo do paço, o povo o me-mo largo; e recebendo de ss. ex.^{as} e sua distincta philarmónica as benções do povo, assim terminou um dia de gloria, e eterna recordação, para este concelho.

Felicitações, pois, ss. ex.^{as}, e sua philarmónica, não só pela iniciativa que tomaram, mas pelo bem que executaram aos parochos e ao Senhor dos Exercitos; que rvd.^{os} louvores e mais cleresias, que assim deram uma prova do quanto amam o seu Rei.

Parce-me haver-me desempenhado da minha promessa; e por esta vez não abusarei mais da sua paciencia; e sou

De v. etc.
Minotta.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio d'hontem copiamos o seguinte:

Londres 27. — Parece que finalmente o governo diminuirá o grande orçamento das despesas.

Marsella 27. — Uma grande tormenta e um violento furacão causaram prejuizos nos navios, e diz-se que ha victimas.

Turin 27. — Ratazzi fallou hontem na camara por espaço de quatro horas, occupando-se da politica interna. Hoje fallou da externa, e na conclusão foi apoiado. Disse que o ministerio fora unanime em impedir que Garibaldi fosse a Roma contra a vontade da França.

Cassel 27. — A «Gazeta da manhã» foi recolhida. O eleitor cedeu ás reclamações de Berlin. As camaras foram dissolvidas ficando o ministerio.

Berlin 27. — Tornam a circular rumores de golpe de estado.

Londres 27. — As noticias de Nova York de 15 dizem que os federados estão senhores de toda a costa do Texas. A vanguarda de Burnside já está á vista do inimigo. Dois ajudantes de Mac-Clellan foram presos: ignora-se o motivo. Tomam-se providencias para a defeza de Nova York. Deu-se uma serenada a Mac-Clellan que pronunciou um discurso excitando á guerra.

Paris 26. — O «Constitucional» publica hoje um artigo, em que sustenta ser a Grecia livre para escolher o principe Alfredo para seu rei, e que esta eleição não ha de alterar de modo algum as boas relações entre a França e a Inglaterra. O mesmo artigo consigna as difficuldades com que terá a lutar a potencia que der um rei á Grecia; e diz que se se projecta o engrandecimento da Grecia, se abrirá a porta á terrivel questão do Oriente, e a complicações de todo o genero.

Londres 26. — O «Morning Post» diz que a eleição do principe Alfredo para o throno da Grecia, com a promessa do dominio das illhas Jónicas, traria compromissos para a Inglaterra, mas que até agora se não fez offerta alguma formal.

O «Daily-News» opina que a eleição do principe Alfredo seria origem de graves complicações.

Londres 28. — O metalico do banco de Londres diminuiu 3 3/5 millões de libras esterlinas.

Nova-York 28. — A prisão dos ajudantes de Mac-Clellan tem por causa a candidatura do referido general para o senado, e auzencia dos mesmos ajudantes sem licença.

Na alfandega de Nova-York tem havido immensas fraudes;

O algodão subiu a 68 ps. 70 centimos.

Vera-Cruz 1 de novembro. — Chegaram 15:000 soldados, cavallos e material.

Julga-se que Doblado voltara ao ministerio.

O general Forey foi a Jalapa para tomar o comando do exercito.

A chegada de Comofort ao Mexico deve considerar-se como um indicio pacifico.

Paris 29. — Em Vera-Cruz deram-se tormentas e furacões, soffrendo muitas tormentas e furacões, soffrendo muitas tormentas e furacões, soffrendo muitas tormentas e furacões.

O embaixador da Prussia protestou ao Mexico em nome dos estrangeiros contra a contribuição extraordinaria.

O ministro Lafuente respondeu com um «inteirado.»

TRIBUNAES

RELAÇÃO DO PORTO

Autos distribuidos na sessão de 3 de dezembro

Appellações civeis

Familicão—José Antonio Machado e outros, contra Antonio Machado; juiz Casado, escrivão Silva Pereira.

Estarreja—A camara municipal, contra Francisco Ferreira Soares; juiz Pitta, por impedimento Sousa, escrivão Cabral.

Barcellos—Albina Rosa da Fonseca e marido, contra João José da Fonseca Moreira; juiz Barbosa, escrivão Sarmiento.

Tondella—Maria Delina, contra Antonio Maria Xavier da Gama; juiz Pinto, escrivão Silva Pereira.

Aggravos

Oliveira do Hospital—Antonio Nunes Balhasar e outros contra Luiz d'Almeida Mello e mulher; juiz Seabra, escrivão Silva Pereira.

Santo Thyryz—Joaquim Monteiro da Silva, contra o M. P.; juiz Lima, escrivão Albuquerque.

Villa do Conde—Joaquim Antonio da Costa Ernida, contra João Antonio da Costa Lima; juiz Sarmiento escrivão Cabral.

Distribuição de causas

Porto—D. Emilia do Carmo Ferreira de Sá Aranha, contra a F. N.; juiz Martins, por impedimento Velloso, escrivão Albuquerque.

Felgueiras—José Gabriel Soares, contra a F. N.; juiz Abranches, escrivão Cabral.

Para a sessão de 10 de dezembro

Appellações crimes

Foscoa—O M. P., contra Antonio José Pinto.

Chaves—O M. P., contra José Gomes—o Maneta.

Aggravos

Figueira—O M. P., contra Manoel Domingues e outro.

Agueda—O M. P., contra Manoel Rodrigues Thomaz.

Santa Combação—Francisco Paes de Mello e mulher, contra José de Campos Antigos e outros.

Valença—Manoel Joaquim Rodrigues, contra o M. P.

NOTICIARIO

Festividades. — Foram hontem as festividades da Immaculada Conceição nas igrejas de Jesus e Carmelita. Na primeira além da funcção da manhã houve á da tarde com vespersas, ladainha e sermão; orou de manhã o sr. padre Martins e de tarde o sr. conego Carvalho e Goes. Na segunda, houve a solemnidade da manhã e orou o sr. padre Neves.

Suffragios. — No dia 4 do corrente celebraram-se em Eixo exequias solemnes por alma de José Estevão. Eixo, por quem o illustre finado teve sempre predileção, por ter ali passado os bons dias da sua mocidade, por ser o berço do seu bom e saudoso pae, por contar ali muitos amigos dedicados e parentes; Eixo, a quem ultimamente tinha prestado valiosos serviços para o seu melhoramento material, devia pagar este tributo de reconhecimento á sua memoria. E pagou-o. Foi um dia de pesado luto para os habitantes d'aquella terra.

Quasi todos correram ao templo a orar pelo eterno descanso d'aquella alma nobre, d'aquelle sincero amigo, d'aquelle cidadão prestante.

N'aquelle dia suspenderam-se todos os trabalhos agricolas; até o sr. José Pinto, d'Agueda, empenheiro do lanço d'estrada d'E-gueira a Eixo despendeu os operarios para ir ás exequias.

E' que no animo de todos calava uma saudade pungente, e uma profunda gratidão!

O officio tanto no coro, como na missa, que era do sr. Nobre, foi muito bem cantado. O templo estava enlutado com esmero e acceio.

Da parte posterior da urna, collocada junto do arco da igreja, elevava-se uma columna, rematada pela figura da saudade. Proxima á base lia-se a firma do finado, e ao lado o versiculo = *Dies mei transierunt.*

Sobre a urna, ricamente guarnecida, viam-se os emblemas da sua vida litteraria, e militar.

grosso; porque as qualidades de liberal, tolerante, e progressista emobreceram sempre aquella alma generosa e pura.

No lado anterior da urna lia-se a seguinte estrophe:

«Despido d'ambições e de grandezas

«Vae pobre á sepultura:

«Sem manchas, sem nodos, sem vilezas

«Descança a alma pura.

Acabada a missa subiu ao pulpito o sr. padre Rodrigues Branco. O seu discurso em mais que uma parte foi eloquente, e arrebatador. Depois de no exordio pintar com cores vivas a morte, a eternidade, o nada das grandezas do mundo, narrou com fidelidade e imparcialidade os factos da vida publica e particular do illustre finado. Fez a apologia das suas virtudes, como homem, como apolojista, e deputado, como bom christão, bom filho, e bom irmão. Teceu-lhe magistralmente uma coroa, intercalada d'espinhos e rosas, applicando assim as differentes parapecias da vida humana!

No epilogo da sua oração, quando resumiu os seus dotes cívicos, os serviços prestados ao paiz e ao districto, foi pathetico o seu discurso; e não poucas lagrimas se viram correr das faces dos seus ouvintes, que o escutaram com religioso silencio!

A' noite foram distribuidas esmolas no proprio domicilio dos pobres para suffragar a alma daquelle benemerito cidadão.

Honra aos habitantes d'Eixo pelos seus sentimentos de piedade e gratidão; louvor á commissão que fielmente o interpretou.

Mais. — (Do *Interpretador* do dia 3 do corrente.) Celebraram-se hoje na freguezia de Santa Catharina, exequias por alma do grande orador liberal José Estevão Coelho de Magalhães.

Assistiram a esta funebre cerimonia os ministros do reino, guerra e marinha, Fontes Pereira de Mello, Casal Ribeiro, Rodrigues Sampaio, Pegado, varios militares distinctos, as creancinhas dos asylos de Santa Catharina e S. João, com as respectivas direcções, os alumnos do gremio popular, e varios filhos do povo.

O reverendo padre Sargedas recitou uma sentida oração panegyrica á memoria da illustre finado, fazendo sobressair os seus dotes tribuicijos, e qualidades moraes. A sua oração foi fluente e repassada de religiosidade e ecclisismo.

A real irmandade de Santa Cecilia que executou a missa, cedeu generosamente a offerta a favor do asylo de S. João.

No centro da nave do templo elevava-se um magestoso catafalco.

Mais. — (Diz o *Diario Mercantil*.) Hontem 5, pelas 10 horas e meia da manhã, teve lugar na igreja da SS. Trindade, a missa e responso, que alguns amigos do fallecido, erudito e eloquente orador, José Estevão Coelho de Magalhães, tinham resolvido mandar dizer, conforme tinhamos annunciado. Cantou a missa o digno chantre da Sé, o sr. Dr. Miguel Joaquim Gomes Cardoso, tendo antes d'isso sido ditas mais 8 missas rezadas por alma do mesmo illustre finado.

As paredes do templo achavam-se forradas de preto, e sobre ellas as seguintes datas e legendas: 26 de novembro de 1809—13-14 d'outubro de 1832—22 de junho de 1840—12 e 22 de dezembro de 1858—30 de maio de 1862 e 8 de junho de 1862. — *Asylo de S. João* — *Charles et George*. — *Honrou a patria em tudo.* — *Desprezador das honras e dinheiro.* — No centro da igreja elevava-se um elegante catafalco, ou sarcophago, que tinha a data fatal de 4 de novembro de 1862; sobre elle achavam-se a espada, banda e chapéu, insignias d'officel d'artilleria, e bem assim a insigña da Ordem da Torre e Espada, de que o fallecido era officel. O pedestal do sarcophago tinha a seguinte legenda:

..... amor da patria não dividido
..... premio vil; mas alto, e quasi eterno.

Aos lados do mesmo se elevavam as estatuas do Caridade e Sabedoria, nos pedestaes das quaes se liam as legendas seguintes:

Na primeira
Temperança, fé, zelo e caridade
Com outras muitas, que contar podia.

Na segunda
Elle só a si se louva em toda a parte
E só elle toda a parte enche d'inveja.

Em roda do mesmo sarcophago havia luzes em profusão.

Achavam-se presentes grande numero de respeitaveis cavalheiros, e entre outros viam-se os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. Miguel do Canto, governador civil; viscondes de Castro Silva e Trindade; barão de S. Lourenço; Conselheiro José Lourenço Pinto; deputado e vereador Faria Guimarães; veredores Alexandre Soares Pinto d'Andrade e Raymundo Joaquim Martins; commendadores Baltar e Bernardo José Machado; Dr. Sá e Moura, Juiz do 1.^o Districto Criminal; Dr. José Maria de Sousa Lobo, ajudante do procurador Regio; Justino Ferreira Pinto Basto, Carlos Gubian, consul d'Italia, coronel Mosqueira e major Ribeiro da Guarda Municipal, commissoe da direcção da Associação Industrial Portuense, e muitos outros cavalheiros, de que agora não temos memoria.

Declaração. — O sr. capitão do destacamento nesta cidade dirigiu nos a carta que abaixo segue. Vê-se do seu conteúdo que a força requerida para o naufragio só se demorou o tempo necessário a preparar-se para se marcha; e longe de suppormos que s. s.^{as} foi negligente em satisfazer á requisição do sr. director da alfandega, antes sabemos

e da melhor vontade.

A sua local = Naufragio = publicada, está inexacta na parte que o sr. director requereu logo força ao militar, que ás 3 horas ainda não tinha sido deprehendido da sua leitura, e requisitou força á uma hora da tarde, e ás 3 e ainda a não tendo satisfeito; quando a de é que recebendo eu o officio perto das 2 horas, ordenei promptamente a nomeação da gerpedida, que só se demorou o tempo preciso para isso se lhe abreviou, marchando do quartel muito antes de darem as 3 horas.

Convenho que o sr. director recebesse a participação uma hora, e de prestar ás autoridades todo o possivel apoio para a manutenção do sociego publico e da boa ordem, não seria por certo eu que me tornasse moroso em casos taes como o em questão.

Para desaggravo da verdade, rogo a publicação do expellido no primeiro numero do seu jornal, pelo que se confessará muito obrigado o

De v. etc.

Aveiro 6 de dezembro de 1862. João José Lopes Cap.^{am} do R.^o 18, gov. militar.

Turbulentos. — Um das noites passadas andaram ahí para a Fonte Nova uns individuos a bater ás portas d'algumas casas, e em uma d'ellas chegaram a arrombar um portigo, querendo tambem arrombar a porta, até que os moradores gritaram á voz de el-rei.

Consta nos que a sucia um padre e outro proximo a sel-o.

Affiançam-nos que a auctoridade não teve conhecimento d'este facto, mas prevenimol-a para que se não repitam.

Restaurante em Estarreja. — No mesmo dia em que se abriu á circulação o caminho de ferro entre a estação das Devezas e Estarreja, abriu-se-lha tambem ao publico nesta villa um novo estabelecimento, que se espera atrahirá grande affluencia de concorrentes pelas boas condições em que vae achar-se.

O novo hotel de Estarreja está bem collocado, a pouca distancia da estação, e diz nos pessoa bem informada, que os empregarios do estabelecimento, se não tem poupad a esforços para que as exigencias do publico concorrente sejam satisfeitos em tudo o que diz respeito ao serviço.

Um melhoramento chamou o outro, e ir-se-hão assim succedendo na escala que uma progressiva civilisação vae aconselhando.

Baile na corte. — Diz o *Portuguez* que no dia 3 do corrente houve baile no real paço d'Ajuda, conforme já tinhamos noticiado, começando pelas 11 horas da noite.

Abriu o baile uma contradação em que tomaram parte el-rei o sr. D. Luiz, a rainha, el-rei o sr. D. Fernando, e diversas damas e cavalheiros da primeira nobreza.

Em seguida á primeira contradação serviu-se o chá dançando se depois com intervallos até ás 5 horas da madrugada.

A ceia fria foi lauta e os refrescos eram servidos com a maior profusão pelas salas, que estavam adornadas com bom gosto, luxo e magnificencia verdaderamente real.

El-rei e a rainha, que tantas afeições contam, ganharam ainda maior grau de sympathia pela affabilidade que demonstraram a todas aquellas pessoas, a quem fizeram a honra de dirigir a palavra.

O popular principe o senhor D. Fernando mostrava-se muito satisfeito, e dançou quasi sempre até ao fim do baile.

A' entrada do paço tocava a musica da guarda municipal, e a orchestra era composta dos musicos da real camara.

A concorrencia foi diminuta de damas, que apenas estariam umas setenta, de numero de cavalheiros, entre os quaes figuravam os ministros da coroa, pares, deputados, dignatarios, e officiaes do exercito e da armada.

A rainha estava vestida rica e primorosamente, e el-rei trajava o grande uniforme de almirante.

Serie de fatalidades. — Diz o mesmo jornal que no dia 4 foram informados de um desgraçado acontecimento que teve lugar no dia 2 no sitio da ponte de Soure, e que vamos relatar.

Sahiu de uma estação proxima da ponte de Soure um comboyo que conduzia trabalhadores e muitos materiaes, devendo estes ser collocados na linha que proximamente está para se abrir.

Pouco depois de percorridos os primeiros kilometros, reconheceu o machinista que a força da machina não era sufficiente para a condução de tão pesado comboyo, e pediu que fosse auxiliado por uma outra que havia de reserva. Assim se fez, e em breve o comboyo seguiu com duas machinas em vez d'uma.

Na passagem sobre a ponte de Soure, a velocidade diminuiu sobre a ponte, como é costume, quando se percorre sobre pontes ou em curvas, e ali o ultimo wagon, por effeito de um descarrilhamento, ficou pendurado no parapeita da ponte.

Os machinistas querendo evitar, maior desastre, deram toda a força ás machinas, com sen-

...rentes que prendiam o
...contrario. O wagon sen-
...tombou aquelle a que se
...foram cahindo todos so-
...finalmente cahiram tambem as

...acontecimento, contam nos que
...trabalhadores que o comboyo con-
...victimas, perdendo a vida, cineo
...dois machinistas e tres trabalha-
...e feridos trinta e cinco.

...A ponte ficou toda torcida e inutilizada pa-
...viação, e a maior parte dos wagons comple-
...amente quebrados.

Quando o sr. engenheiro sub-chefe soube do
acontecimento, metten-se em um comboyo especial
em Santa Apollonia, e dirigiu-se ao ponto onde o
facto se deu; e para se contar mais uma fatalida-
de, o fogneiro que ia encebando o eixo da ma-
china, escorregou e cahiu na linha. Não morreu,
mas ficou com o corpo todo fracturado.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Coinbra 8 de dezem-
bro de 1862.

Hoje teve logar na capella da universidade
a festa de Nossa Senhora da Conceição, com a
solemnidade costumada. Assistiu o corpo cathedra-
tico e a academia. Orou o sr. dr. Motta Veiga,
que agradeceu muito.

Em seguida a esta solemnidade religiosa, o
corpo cathedratico, com o sr. reitor á sua frente,
dirigiu-se á sala dos capellos, seguido da aca-
demia, para se proceder á distribuição dos premios,
que todos os annos se faz n'este dia. Ahí,
feita a chamada dos estudantes premiados, o sr.
dr. Augusto Barjona pronunciou um brilhante
discurso aledquo ao acto, a que se estava procedendo.
O sr. dr. Barjona foi escutado com a
attenção, a que lhe são inquestionavel direito o
seu talento transcendente, e excellentes qualida-
des pessoais. Depois do sr. Barjona tomou a pa-
lavra o sr. reitor. Apenas, porém, s. ex.ª principiou
a fallar, a academia começou a abandonar
a sala; por toda a parte se ouvia grande sussurro,
e muitos academicos levantaram o grito de—
viva a academia independente! viva a liberdade!
—Dentro em pouco só alli ficaram as pessoas
que não podiam deixar de ficar. Quando findou
a cerimonia, sahiram o sr. reitor e o corpo cathedra-
tico, novos e mais estrondosos gritos se le-
vantaram d'entre os academicos. Esses gritos,
que se ouviam a grande distancia, diziam:—
*viva a liberdade academica! abaixo o despotismo
reitoral! morra o reitor!*

Sentimos que taes manifestações partam de
uma corporação, que devia proceder com mais
cordura, não pelos seus annos, mas por que re-
presenta a mais nobre porção da mocidade por-
tuguesa; bom será, porém, que o governo veja
n'este facto uma prova da dessympathia, que a
academia vota ao seu prelado, e trate de o sub-
stituir sem demora. Affiança-nos pessoa compe-
tente que o corpo cathedratico da faculdade de
direito está tambem muito indisposto com o sr.
reitor, em consequencia das informações que este
sr. deu ao conselho geral d'instrução publica,
dos individuos escolhidos nos ultimos concursos
d'esta faculdade; informações, com que o corpo
cathedratico com muita razão se offendeu.

Por hoje nada mais, por que está a partir o
correio.

CORREIO

A falta de noticias politicas, accresce a
da carta do nosso correspondente, e a de jor-
naes do Porto.

Neste embaraço julgamos fazer um bom
serviço aos nossos leitores e assignantes, trans-
crevendo do *Jornal do Commercio* uma carta,
que abaixo se lê, do sr. Alexandro Herculano.
Basta o nome do signatario para ser lida com
attenção e interesse.

O mesmo *Jornal do Commercio* começa a
parte politica externa deste modo:

«Um dos jornaes do correio de hoje trouxe-
nos uma recordação dolorosa, ao passo que presta
eloquente homenagem ao poderoso e brilhante
talento que tanto honrou a tribuna portu-
guesa.

A «Illustration» de 29 de novembro, publi-
ca o retrato do illustre liberal José Estevão, per-
feitamente gravado, e cópia de uma photographia
de mr. Fillon. Precede o retrato uma concisa e
bem escripta noticia da vida e do funeral do gran-
de orador.

Alludindo ao lucto de que esteve coberta a
cadeira de José Estevão na camera dos deputa-
dos, diz mr. Paget:

«E' a recompensa mais digna que um paiz
livre podia dar á memoria de um dos seus defen-
sores.»

Ainda não recebemos o numero da *Illus-
tration* a que se refere o dito jornal, logo que
o recebamos promettemos traduzir e publicar
o artigo que precede a gravura do nosso pri-
meiro orador.

«Meu amigo.— Peço-lhe o favor de mandar
publicar o seguinte no *Jornal do Commercio*:

A reforma da ordem de Sanctiago tem
trazido discussões á imprensa em que o meu
nome, dizem, tem figurado. Não houve nisto
motivo até aqui para eu romper o longo silencio
que tenho guardado, que espero continuar a

guardar acerca das questões politicas e das ques-
tões litterarias. Agora, porém, acabam de mos-
trar-me um numero recente de um jornal de
Lisboa onde se argumenta com o accètar eu
outrora a commenda da torre e espada, e re-
jeitar agora a grã-cruz de Sanctiago, para se
provar, creio eu, com a minha authority que
o diploma relativo áquella reforma é illegal.
Tenho pouco peso para servir de projectil na
lucta das facções, a que sou estranho, e enten-
do que, pertencendo a todos avaliar os meus
actos publicos, só a mim, e a mais ninguém,
pertence expor os motivos determinantes delles.
São impertinentes estas questões de fitas; mas
é obvio que, desde que ao meu proceder se
attribuem intenções politicas, eu, que não tenho
essas que me attribuem, nem tenho nenhuma,
sou obrigado a explicar-me.

O argumento que se deduziu dos meus actos
é mau de dois modos: 1.º por inutil, visto
que a pouca regularidade d'aquelle diploma re-
sulta do seu proprio contexto: 2.º porque, além
de dar á minha opinião uma authority que
ella não tem, pecca pela base, suppondo que
acceitei a commenda da torre e espada.

Accudo neste ponto por mim, porque é
uma inexactão que contraria os meus intuitos, e
que me parece tempo de rectificar.

Pertengo pelo berço a uma classe obscura
e modesta: quero morrer onde nasci. Ha nisto
uma grande ambição solapada. No immenso
consummo que se está fazendo, que se tem fei-
to ha trinta annos, de distincções, de fitas, de
insignias, de fardas bordadas, de titulos, de
gradações, de tratamentos, de rotulos nobilia-
rios, o homem do povo que queira e possa mor-
rer com esta classificação deve adquirir em me-
nos de meio seculo extrema celebridade. No
Baixo-Imperio, quando a sociedade romana ca-
hia ao contacto dos barbaros, esphacelada pela
podridão interna, chegaram a nobilitar á força
os cidadãos mais obscuros, arrolando-os nos col-
legios dos curiaes. Esta boa terra promete
que ha de chegar lá.

Não sou commendador da torre e espada.

El-Rei o Senhor D. Pedro V, que Deus tem
comsigo, procurou-me um dia para me pedir, di-
zia elle, um favor. Era o de accètar a commenda
da torre e espada. Recusei, e com a sinceridade
que elle sempre encontrou em mim, expuz-lhe
amplamente os motivos da minha recusa. Aquel-
le grande espirito, complexo de extrema doçura,
de alta comprehensão, e de profundo sentir, deba-
teu, sem se irritar, as ponderações, talvez dema-
siado rudes, que lhe fiz. Concluiu por me dizer
que cada um de nós podia proceder n'aquelle as-
sumpto em harmonia com as proprias convicções.
Que elle cumpria o que reputava um dever de
rei, e que fizesse eu o que a consciencia me di-
tasse.

Como os outros homens, os reis, embora se
chamem D. Pedro V, estão sujeitos a aprecia-
rem mal as pessoas e as coisas. Nem eu valia o
que elle supunha, nem a commenda valia nada.

O que valia muito, apesar do seu innocente
erro, era esse moço de vinte e quatro annos, esse
filho de D. João I, D. Duarte extraviado no se-
culo XIX, vindo pedir com favor ao filho do po-
vo que lhe accètasse uma mercê, porque enten-
dia que o dever a isso o obrigava.

Se a Providencia reserva no segredo dos
seus decretos redempção e renovamento para este
paiz, será porque elle ainda soube achar em si
lagrymas caudaes e sinceras para verter sobre o
ataúde daquelle martyr.

O decreto da commenda appareceu. Tenho
idéa de que nesse tempo me injuriaram por ter
arranjado uma commenda. Como era apenas
uma calunnia, e não diziam bem de mim, cal-
lei-me.

Sem as circumstancias que haviam precedido
o facto, eu teria publicamente recusado, to-
mando a liberdade de fazer sobre isso algumas
considerações mansas ao ministro responsavel.
Podia, porém, fazel-o, dadas essas circumstancias?
Que o digam os homens capazes de affectos gran-
des e de generoso pensar. Limitei-me á absten-
ção e ao silencio. Mandaram-me da secretaria um
papel em que me annunciavam aquella grande
novidade da commenda. Não respondi. Creio que
me apream por contumaz. O que é certo é que
nunca mais ouvi fallar em tal.

Deixo de parte a historia da recusa do pa-
riato. Aceito como proprias as razões que para
essa recusa me attribue o jornal. A serie com-
pleta dellas era longa: tenho preguiça de a tecer.
Contento-me com rectificar um leve engano do
mesmo jornal. A constituição da camera dos pa-
res não a acho pouco boa; acho-a pessima. Se o
jornal tivesse dito que eu achava detestavel, não
curava da rectificação. Carregava com essa tre-
menda responsabilidade.

Veio depois a grã-cruz de Sanctiago. Fiz o
mesmo que fizera a respeito da commenda. Nem
mais, nem menos. Tinha motivos para crer que
a iniciativa da mercê vinha de el-rei. Procedi,
n'essa hypothese, do mesmo modo que procedera
para com el-rei D. Pedro. Podia S. M. como
chefe do executivo entender que eu devia accè-
tal-a. Venerando, como todos os homens de bem,
a santa memoria de seu irmão, ha de achar que,
não tendo eu feito ao fullecido monarcha o sacri-
ficio das minhas convicções, seria vilmente ingra-
to se o fizesse a elle. Se a tormentosa situação de
chefe do estado obrigar a el-rei a condemnar o
meu procedimento, resigno-me a isso. Prefiro o
seu desagrado como rei ao seu despreso como ho-
mem. Deus queira que isto não seja ainda outra
pretenção de vir a ser raridade!

Já se vê, pois, que não foi o terror da in-
tervenção da côrte papal do tempo de Julio III
nos negocios temporaes de Portugal de hoje, nem

a forma menos regular porque se fez uma coisa
que ha de vir a ser prostituida, como se prostitue
tudo aqui, que me obrigaram a evitar uma dis-
tincção, que talvez tivesse tornado menos nociva,
se, como os venenos activos, se houvera espalha-
do e diluido mais.

Fazir este horror a uma bulla de Julio III.
Ha quinze annos que vejo os homens publicos
das diversas parcialidades acharem accètaveis
outras bullas mais daminhas, e mais recentes
trez seculos: ha quinze annos que vejo dar exem-
plos inauditos de subservencia ás pretensões
mais audazes da curia romana: ha quinze annos
que vejo trahir sem pudor as tradições antigas e
o nosso direito publico para contentar Roma, a
insaciavel. Affiz-me a ouvir romper d'entre as fi-
leiras liberaes applausos phreneticos a doutrinas
que Gregorio VII o Innocencio III não repudia-
riam. Vi vender, não sei por que preço de con-
cessões pueris, o nosso padroado do oriente, com
o pretexto de manter a paz das reliquias d'elle
que a Propaganda nos deixava, e a Propaganda
ahi está, na hora em que escrevo, provando ao
mundo, como eu o prophetisara, quão refalsadas
eram as promessas que fazia aos que trahiam a
gloria do passado e o interesse do futuro para a
lisongear. Vi a calunnia de fabrica romana cus-
pada sobre um homem innocente, que era rei
d'esta terra, e não vi o desagrayo, que devia
ser d'aquelles que deixam longo rasto na histo-
ria. N'estes quinze annos, no meio das saturnaes
reaccionarias, se alguma vez temi pelo paiz, nun-
ca temi por mim. A reacção não pôde arrancar-
me as veneras, nem despir-me a farda bordada.

Não me derriba; porque ha trinta annos que cá
estou no chão. A boas horas havia eu de ter ago-
ra melo do papa Julio defuncto e dos seus defun-
tos cardeaes!

Do certo que o recente diploma acerca da
ordem de Sanctiago não revela grande desemba-
raço no meueio das formulas do governo repre-
sentativo. Mas é isso: mas o vicio está mais na
expressão que na idéa; na forma que na sub-
stancia. Em todo o caso, parece-me que por ago-
ra não periclitará a liberdade. Pela minha parte
prefiro esse erro de intelligencia do ministro, a
que elle pozesse em almocda as distincções hono-
rificas para fazer alguma alameda n'algun largo
da capital. E' permitido não crer n'essas coisas;
mas é torpe abusar, e abusar sem disfarce, d'el-
las, quando o paiz e o rei que as mantêm, bem
ou mal, como instituições publicas, havendo as
confiado com o poder á lealdade de alguns ho-
mens, lhes impuzeram virtualmente o dever de
as respeitar.

Em conclusão. E' escusado dar ao meu pro-
cedimento uma significação que elle não tem.
Não fiz acto de opposição: não tive medo do
papa Julio: não vejo em eminente risco a liber-
dade. Nem o governo me incomoda, nem a sua
queda me ha de fazer chorar. Creio que isto é
ser indifferente á sorte do paiz; é ser mau ci-
dadão. Pois deixem me ser mau cidadão. Ha tan-
tos bons, que suspiram por immolar-se a elle, ou
se estão sacrificando actualmentem á sua ventura,
que, n'essa via lactea de Codros, não faz de cer-
to falta este filho degenerado da patria.

A. Herculano.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS

REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL

Proprietarios e directores—Antonio de Brederode e Ernesto Blester.

D. José de Almada e Lencastre, biographia,
por J. M. de Andrade Ferreira.
Cesar no Egipto, poesia (tradução), por J.
F. de Castilho.
Passos Manoel, biographia, por L. A. Rebel-
lo da Silva.
Poetas e prosadores, por Camillo Castello

Branco.
Os meus trinta annos, poesia, por Thomaz
Ribeiro.
Relatorio da Sociedade Promotora das Bel-
las Artes em Portugal.
Chronica litteraria, por Ernesto Blester.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

NA CAPITAL	NAS PROVINCIAS
Por anno.... 2\$000 rs.	Por anno.... 2\$500 rs.
» 6 mezes.... 1\$100 rs.	» 6 mezes.... 1\$250 rs.

—AVULSO 300 RS.—

CAIXA ECONOMICA

A Direcção da Caixa Economica
faz publico que do dia 11 do
corrente em diante resolveu am-
pliar as entradas diarias dos de-
positantes a 4:500 rs.

Escriptorio da Caixa 7 de de-
zembro de 1862.

A. PINHEIRO
Secretario.

O PROVIR DAS FAMILIAS

76.000 socios
COMPANHIA MUTUA DE SEGUROS DE
SUPERVIVENCIA

Para formar dotes, ou outras provisões
sendo garantida sua administração
pelo capital de 1.500 contos
Esta acreditadissima Companhia segue seu
caminho de prosperidade; e são prevenidas as
pessoas que nella desejarem interessar-se, que ain-
da podem entrar, de modo que venham a frui-
r as vantagens, dos que se associaram em
ancieiro deste anno, que fica logo vencido.

Para mais detalhes podem dirigir-se a Agosti-
nho Duarte Pinheiro e Silva, correspondente da
Companhia em Aveiro, ou ao sub-director geral
no Porto.

Tambem toma seguros contra incendios pa-
ra a Companhia União, assim como maritimos.

ROBERTO

OU
A DOMINAÇÃO DOS AGIOTAS

POEMA HEROE-COMICO EM 9 CANTOS

POR
Manoel Roussado

(Parodia ao notavel poema de
Thomaz Ribeiro — D. JAYME OU
A DOMINAÇÃO CASTELLA)

Deve sahir á luz até o fim do
corrente mez.

DISCURSOS

DE

JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

PRONUNCIADOS NA CAMARA
DOS DEPUTADOS EM DIFFERENTES
SESSÕES LEGISLATIVAS
DESDE 1837 A 1862

COLLIGIDOS E ANOTADOS
POR

Jacinto Augusto de Freitas Oliveira.

Bacharel formado em mathematica

Esta obra vaõ entrar nos prélos da
typographia Franco-Portuguesa no mez
de dezembro corrente.

Metade do producto da venda será
repartido pelos asylos de S. João e de
Aveiro.

GUIA E MANUAL

DO

JARDINEIRO

OU

ARTE DE CULTIVAR OS JARDINS
COM UMA ESTAMPA EXPLICATIVA

SEGUIDO
DA LINGUAGEM DAS FLORES, E EMBLEMA
DAS CORES,

E UMA

PEQUENA GUIA DO ENXOFRADOR DAS VINHAS.

Acaba de publicar-se este interessante livro
que se acha á venda na livraria de Jacinto A.
Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 Porto.
Para os srs. assignantes, é o mesmo preço porém
com uma bonita encadernação será remetido
ciudad e franco de porte a quem enviar em es-
tampilhas ou sellos do correio a quantia de 360
éis, custo deste folheto.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.